CONHECIMENTOS UTEIS.

INCENDIOS.

MODOS DE OS PRECAVER. DE SALVAR D'ELLES AS VIDAS E DE OS ATALHAR.

3666 Hoje em dia que povoações e cidades, quasi inteiras, teem sido victimas do fogo por todos os reinos d'essa Europa, a imaginação, aterrada de um perigo tão real, não póde deixar de se applicar toda na busca de prevenções e remedios, contra as possiveis e incalculaveis assolações do fogo. Em nenhuma parte se sente talvêz mais esta necessidade, do que em Lisboa, onde dentro em *Babeis* armadas de madeira moram enxames e enxames de familias e onde uma faisca descuidada póde destruir milhões de fasenda e numero espantoso de vidas: do que, sem embargo de havermos tido quasi sempre bons inspectores e sofriveis providencias para accudir aos incendios, muitos e muitissimos exemplos desastrados se poderam relatar; o da *Boa-Vista*, os dois do *Terreiro do Paço*, o do *Rocio*, o da *Eschóla Polytechnica*, o segundo da *Magdalena*, não fallando de duzentos outros, foram por todos nós presenciados; nossos paes nos contaram o do Paço Real de Ajuda, o da Patriarchal, o da Magdalena; nossos avós haviam deplorado outros; e outros cada uma das precedentes gerações.

Para volumes era logo esta materia; — e merecia-os. Não cabe em nós o fazel-os. Os pontos capitaes, que as nossas poucas luzes nos deixam ver n'ella, apontal-os-hemos com a possivel sobriedade e clareza. Tractaremos, antes de tudo, do como se podem precaver incendios: depois do como se poderão salvar d'elles as pessoas, e ainda muitas preciosidades, finalmente dos soccorros com que aos mesmos incendios se ha-de acudir. — Não daremos licções; proporemos e, em geral, só recordaremos alvitres, para serem adoptados, convindo; — não convindo refutados e substituidos por melhores. A's camaras municipaes e a todo o povo toca não preterirem, por incuria vergonhosa ou por soberba ridicula, os estudos que lhes vamos suscitar; — aos legisladores accudir com leis a coisa, em que tantos interesses, tão geraes, tão diversos e tão urgentes, se reunem; — ás companhias de seguro, como as que mais lucram na cessação ou diminuição dos incendios e seus estragos, trabalhar com infatigavel diligencia, até que se executem todas quantas boas lembranças se houverem presentado exequiveis.

PREVENÇÕES.

Da qualidade dos materiaes depende a impossibilidade, a difficuldade ou a facilidade de se consumir de fogo um edificio. Ha-os todos de pedra; ha-os hoje todos de ferro, na Inglaterra, na Russia, na Suecia e outras partes; mas taes construcções pelo seu dispendio não podem ser aconselhadas: se ellas não vem a arder, teem já ardido, *in limine*, os cabedaes dos que as fizeram: outro tanto podemos dizer da casa incombustivel erecta em Londres por um M. *Dyer*, de que demos noticia e descripção no volume II a pagina 493.

Prodigalidade seria empregar o ferro e o marmore onde a humilde e pobre madeira lhes póde muito bem faser as vezes. Nos paizes do norte da Europa e por muita America septemtrional (para não fallarmos na China e varias provincias da Asia) ou porque mais abundem em florestas, ou porque o frio dos seus invernos aconselhe a preferir, a quaesquer outras, as vivendas de madeira, e hoje até forradas de cortiça, ou por ambas estas razões combinadas, ruas ha e povoações inteiras onde todas as casas, aliás formosas e aprasiveis, não passam de barracas de pau, mais ou menos amplas, mais ou menos elevadas e repartidas em andares: mas por isso tambem, são lá os incendios frequentes e espantosos, engulindo de uma vez uma aldêa e, quando Deus quer, meia cidade.

Entre nós a madeira figura em grande e talvez sobeja abundancia nos edificios, pois que não só d'ella são feitos os tectos e pavimentos, senão tambem, pelo commum, uma boa parte das paredes divisorias e, não raro tambem, das principaes, d'onde resulta que apenas o fogo pegou, tanto médra, que, em poucas horas, póde ter devorado uma casaria até aos ossos. Aos que houvessem de edificar ou reedificar dever-se-hia persuadir, ou que fossem mais parcos no uso da madeira, substituindo-lhe em parte o asphalto ou o tijolo para o piso e, sempre, a pedra para as escadas; ou que a madeira no caso de a quererem empregar tambem n'isso, a mandassem primeiro preparar como toda a outra do predio, para se não deixar arder. Varias receitas ha para o intento; uma das quaes se póde ver apontada n'este mesmo tomo a pagina 145.

Mas não é só aos edificios que ainda estão por fazer, que a sciencia acóde com os seus preservativos contra as chamas: para aquelles mesmos, que já existem, ha ainda recursos, a não faltar a seus donos o bom juizo. Receitas ha recentemente compostas e já abonadas pela experiencia, por via das quaes, qualquer obra de madeira, até já velha, facilmente se tornará incombustivel.

O famoso chimico, M. *Gay-Lussac*, reconhecêra ser propriedade de certos saes soluveis, que estendendo-se as suas dissoluções, sobre madeiras ou pannos, se lhes não vedam absolutamente o arderem, tão remissos os tornam para a combustão, que não levantam chama; taes são o hydrochlorato e o sulfato de ammoniaco, o *borato* e o sulfato de ammoniaco. Parece que seria por algum similhante meio, que o doctor *Arfird* fabricou aquelles celebres cartões incombustiveis, que em 1786 na presença do Duque de Brunswick foram experimentados e achados taes. Tinha-se feito uma casinha de madeira, forrou-se d'elles; deitou-se-lhe fogo e, apesar da violencia com que este ardeu, os cartões não padeceram nada. Qual fosse precisamente a receita do doctor, não se sabe: temos porém outras que a supprem.

Eis-aqui duas que nos acaba de remetter o nosso zeloso e instruido collaborador chimico o Sr. Sousa Telles.

Primeira receita: — lê-se no *Journal Des Connaissances Utiles* a seguinte receita assignada por M. H. C. de Dyor.

Sobre uma dada quantidade d'agua, deita-se tanta potassa quanta fôr necessaria para formar uma forte solução; isto é, quanta se possa dissolver. N'este liquido se mistura massa de farinha, como para pintar de *tempera*, e então se lhe ajuncta argilla em pó quantidade sufficiente, para que o todo adquira uma consistencia, como de creme, ou de manteiga branda. Concluido isto se applica sobre a madeira, por meio de um pincel, de sorte que fique bem impregnada. Accrescenta o auctor, que este reboco preserva as ma-

deiras da acção do fogo e da chuva, e diz mais que n'um violento incendio, pódem ellas ser, talvez, carbonisadas, mas nunca levantarão labareda.

Póde-se querendo, dar áquella composição uma côr mais agradavel, junctando-lhe ocre amarella ou vermelha. Com este processo facil e pouco dispendioso, se pódem evitar muitos incendios e n'elles incalculaveis desventuras.

Segunda receita: — vidro soluvel. — Obtem-se, fundindo 10 partes de carbonato potassico, 15 de quartz e 1 de carvão, em um cadinho de argilla refractaria, a um calor sustentado por 6 horas. Este vidro se dissolve completamente em agua a ferver. *Tusch*, fez vêr que uma dissolução de vidro soluvel, póde tornar incombustiveis as madeiras e pinturas empregadas nas decorações dos edificios; ou, pelo menos difficeis, de inflamar-se, e incapazes de propagar o fogo. Todo o material do theatro de Munich, foi coberto de uma camada d'este vidro.

Outras receitas de identica virtude já nós publicámes no tomo I a pagina 76 e 133: tomo III a pagina 348.

A cada qual toca preferir d'entre todas a que mais lhe convenha pelo preço, pela facilidade ou por alguma outra circumstancia particular: mas em todo o caso, com alguma d'ellas se haviam de medicar, a tempo, todos os theatros, quarteis, hospitaes, bibliothecas, cartorios e mais edificios do estado, preciosos pelo que são e pelo que encerram: bem como nos parece que não deixariam de lucrar muito as companhias de seguro, se mandassem apparelhar, por algum d'estes ou por outro modo que melhor lhes parecesse, as madeiras das casas, cuja duração corre por sua conta e risco. Era uma despesa, que, dentro n'um anno e porventura dentro n'um mez lhes poderia ficar fôrra, pelo que houvessem poupado na reedificação de um só predio consumido.

A viciosa construcção das nossas chaminés é frequente occasionadora de incendios: todos os que houvessem de edificar ou reedificar predios, deveriam meditar o que a este respeito se ponderou a pagina 111 do presente volume; e não menos deveriam tomar o conselho todos os senhorios, cujas chaminés fossem susceptiveis da emenda alli proposta.

A altura de quatro, cinco, seis e septe andares, mormente sendo, pelo commum, para todos os andares uma só a serventia, emvez de duas nas duas extremidades como conviera, faz arripiar as carnes quando se pensa n'um incendio ou n'um terremoto, e mais em paragem onde tantos teem havido fatalissimos. Logo parece, que até por lei se devia dar á camara municipal o direito, e impôr-se-lhe a obrigação de prohibirnos edificios, que de novo se traçassem, o transcenderem certa elevação, que poderá variar segundo as peculiares circumstancias do edificio e obrigal-os a ter, além da escada quotidiana, outra, escusa e furtada, para um lance de apêrto; escada que não necessitava de comer um grande espaço.

Alguns predios da cidade baixa sabemos, que se communicam entre si por portas fortes, bem fechadas de uma e outra banda. Conviria que taes portas houvesse em todos, de madeira já se sabe incombustibilisada e ainda por cima chapeada de ferro.

Outro refugio prompto e seguro poderiam offerecer os saguões, com pontes levadiças, que poderiam ser de rede de cordel, lançadas de janella para janella em cada andar.

Emfim, o modo, como são cobertos os nossos edificios, reune a muitas outras desvantagens consideraveis (veja-se a pagina 513 do 1.º volume) a de difficultar a fuga e os socorros por aquella parte: os tectos de madeira cobertos de zinco ou de asphalto, sobre serem mais baratos e mais aprazíveis, pois seriam um dessafogo e um jardim para cada casa, e proporcionarem, n'um apêrto, a evasão para casa dos visinhos e um accesso desembaraçado aos bombeiros e artifices, podem ter tanques, ainda que não seja senão de madeira breada ou forrada de zinco, cheios pela chuva, e, segundo um excellente alvitre proposto, ha tempos, pelo *Journal des Connaissances utiles*, communicados por uma forte manga de encerado ou coiro com todos e cada um dos andares subjacentes.

Uma torneira no fundo do reservatorio abrirá, em sendo necessario, caminho por onde estas aguas se precipitem pela mangueira a qual de pavimento em pavimento descerá desde o tanque até ás lojas. Esta mangueira não será porém inteiriça: a cada um dos andares pertencerá uma porção d'ella egual á sua altura. A do andar superior estará perfeitamente fixa ao tecto para receber em si o jôrro da torneira; e pela sua extremidade inferior, cercada d'um annel metalico de rosca, se aparafuzará junto ao sobrado em outro correspondente anel em que principia a segunda porção destinada ao andar immediato. Esta, similhantemente, se prende juncto ao segundo sôlho com outro egual lanço de canal, que desce até ao terceiro e assim por diante.

Pegado o fogo em um andar, desaparafusa-se a mangueira d'esse da mangueira inferior, ajusta-se-lhe um pipo grosso de metal, e, aberta em cima a torneira se golfa ou repuxa a agua para onde convem.

« Quanto a mim, diz o auctor, só acho um contra a estas mangas ou tripas de encerado, e vem a ser que, em estando cheias de agua, já se não hão-de domar senão a curvaturas muito pequenas, e hão-de-se escusar de angulos rectos que muitas vezes seriam necessarios. »

A objecção tem pêso, e d'ella parece concluir-se que em muitos casos se não poderá accudir directamente com a agua, entrada n'um quarto do edificio, ao fogo que anda n'outro quarto d'elle: entretanto ninguem póde negar, que não seja grande bem, o ter de repente agua abundante dentro n'uma casa accommettida do fogo, para a ir applicar onde convier, com bombas de mão e ainda por qualquer outro systema accessorio de mangueiras, facil de imaginar.

Para que todas estas providencias preventivas, ou pelo menos algumas d'ellas se realisem, tem, cuidamos, poder bastante a camara municipal, que bem fraca auctoridade seria e bem decepada para os objectos de maior momento, se, como alguns dizem, só podesse policiar as frontarias e testadas dos predios, obrigando-os a serem por fóra bem simetricos e aceados, e permittindo-lhes o serem á sua vontade, lá por dentro, verdadeiras machinas infernaes para matarem familias por atacado: e se de lei carece, para forçar senhorios a serem humanos; dê-se-lhe lei, e force-os.

Cerraremos este capitulo das prevenções, rogando novamente á mesma exm.ª Camara que faça observar, á risca, as suas louvaveis posturas de 7 de septembro de 1842 e 20 de novembro de 1843; porque

não teem sido tão poucos os incendios, que de lh'as desobedecerem se teem seguido n'esta cidade, e cujo vergonhoso registo commentado n'este proprio jornal se póde ver.

CHAMAMENTO DE SOCCORROS.

Uma lembrança feliz tiveram, n'estes ultimos dias, alguns moradores da rua dos *Fanqueiros*, (e talvez os de outras) a qual pelos de todas as mais mereceria ser adoptada: e é — pagarem, á sua custa, um vigia, que ronde a rua toda a noite, a observar se apparece em alguma parte signal de fogo ou de ladrões. — E' um excellente additamento á policia e um grande descanço para os particulares, a trôco de trinta, vinte, ou quinze réis por familia em cada mez. A estes vigias nocturnos dever-se-hia conceder o porte de armas.

O systema de denunciar os incendios, por numero certo de badaladas nos campanarios, é bom, mas parece-nos que ainda por dois modos, se póde melhorar.

Primeiro: será util haver por cima de cada predio uma sineta com uma corda, que atravesse todos os andares, por onde os moradores, que são commummente os primeiros que dão pelo fogo, e ás vezes muito antes que de fóra se perceba, chamem pelo soccorro com o respectivo numero de badaladas, que as torres depois irão repetindo.

Segundo: concluido o incendio, importa, que as mesmas torres, por um repique ou por outro qualquer signal convencionado, o participem á cidade. Com isto se fará sem custo um grande favor, não só a centenares de pessoas, obrigadas a concorrer com grande descommodo e fadiga aos incendios, mas a muitas e a quasi todas livrando-as da anciedade e afflicção que naturalmente se padece, emquanto se sabe que a fazenda e vida alheia lá andam, algures, no mais horrendo de todos os perigos.

Mas sobre isto nada poderiamos accrescentar ao que já temos proposto e requerido no tomo I. pagina 442 — III. pagina 159 — 185 — 551. — IV. pagina 130.

SALVAÇÃO DE VIDAS.

Para salvar as vidas aos moradores de uma casa incendiada, nada se tem até hoje costumado entre nós, senão as escadas de madeira: remedio que nem sempre chega a tempo; que é embaraçoso e demorado na sua applicação; ás vezes ineficaz por não chegar a um terceiro, quarto, ou quinto andar; impossivel para creanças, para mulheres e homens pusilanimes, para velhos, mancos, entrevados, etc., etc. — De tres annos passa já, que nós propuzemos (foi por occasião do incendio do *thesoiro velho*, que bastantes vidas ía custando) a adopção da mangueira allemã, coisa tão barata como prompta e segurissima, e com firme esperança de que, para logo, a Exm.ª Camara abraçaria lembrança tão sem contras. Enganámo-nos porém, e só agora, no *Diario do Governo* de 28 do passado, lemos este aviso:

«*Constando ao inspector dos incendios que varias pessoas desejam munir-se de mangueiras de salvação (a que em francez se chama* sac de sauvetage); *e sendo possivel que nem todos os operarios estejam habilitados para as fazerem, com a perfeição de que depende* alguma vantagem *que d'ellas se possa tirar, previne o publico de que na rua do Arsenal, n.º 65, nos dias não sanctificados, da uma até ás tres horas, se póde examinar uma d'essas mangueiras. Ainda que esta pertença ha já alguns annos ao trem dos incendios, comtudo póde servir de modêlo, porque não consta que desde que foi feita tenham estes apparelhos soffrido modificações em outros paizes.*»

Uma pergunta occorre obviamente a quem isto lê: se das mangueiras *alguma vantagem se póde tirar*; e se esta mangueira pertence, ha já alguns annos, ao trem dos incendios, ¡¿porque razão só agora, depois de queimadas DEZOITO ou VINTE pessoas, se faz este annuncio!? Parece-nos que a resposta ha-de ser difficil. Seja como fôr; a descripção que nós demos da *mangueira* allemã no tomo 1.º pagina 37, é mais que sufficiente para habilitar a qualquer pessoa aqui ou em outra terra do reino para a fazer: e esta tal mangueira allemã basta ver a sua descripção para se reconhecer quanto é preferivel á que o Sr. Inspector dos incendios exhibe agora ao publico, para modelo.

O Sr. *Isidoro José Gonçalves*, escrevendo a esta redacção, lembra que as mangueiras deveriam ser tecidas de amianto ou incombustibilisadas por alguma das receitas conhecidas. O segundo expediente é sem duvida preferivel ao primeiro, em razão da economia e facilidade; e tambem porque o amianto, dado que chegassemos a tecel-o, difficultosamente poderia ser tão rijo e seguro como a lona, ou o algodão grosso.

O *Periodico dos Pobres de Lisboa*, fallando d'estas mangueiras, lembradas por nós, adverte, assisadamente que deveria haver uma em cada estação municipal, para ser levada no momento ao sitio do fogo e içada por cordas para a janella.

Parecia que nenhum invento poderia disputar preferencias ao das mangueiras; mas não é assim: — appareceu outro muito mais simples e economico, foi o das cordas inglezas: a sua descripção está no nosso tomo III a pagina 357: porém reprodusil-a-hemos aqui.

A respeito de fogos, temos publicado um grande numero de artigos uteis: uns relativos a tornar incombustiveis as casas, moveis, vestidos, papeis, etc., outros a facilitar a fuga aos accommettidos de um incendio. Lembrados estarão nossos leitores do excellente uso allemão, que tanto e tão baldadamente recommendámos no nosso artigo 68 do n.º 4 de 21 de octubro de 1841.

Eis-aqui outro modernissimo, simples e barato, seguro e sem perigo, e sobre tudo, para que bem o recebam, inglez, e não de qualquer parte de Inglaterra, senão logo de Londres.

N'aquella cidade se mostra o modelo do invento de M. Thompson.

A descripção, que nos mandam, é um tanto confusa; mas se não é exactamente, nas suas particularidades, a que vamos presentar, não cuidamos que lhe possa levar grande vantagem.

Juncto á janella, ou janellas por onde, chegada a desgraça de um incendio, se poderá querer saír, deve estar um gancho, escápula, argola, ou qualquer outro peguilho fixo e bem seguro. Dobra-se pelo meio uma corda rija, e melhor se for incombustibilisada, lançando-se para a rua ambos os ramos d'ella, que devem ter mais comprimento que a altura, que vae do peitoril até á calçada, e ficando a extremidade que os reune a ambos em cima. A pessoa afivella na cinta um boldrié de coiro forte com uma argola no meio; passa pela sua argola a corda dobrada, prende-a no peguilho sobredicto, dá para a rua signal para que dois homens tomando cada um uma das pontas inferiores da corda, se affastem com ellas para a direita e para a esquerda, e ati-

ra-se da janella abaixo confiadamente. — A' proporção que os dois da rua se vão aproximando um do outro, vae o corpo descendo, ainda que tenha perdido o tino, até que, ao tocarem-se os dois, elle se acha com os pés em terra firme sem a minima lesão.

D'esta maneira, a um e um, póde sair toda uma familia, sem exceptuar os enfermos, os entrevados, os decrepitos e as creanças de mama.

Persuádimo-nos de que de todas as idéas, até agora apresentadas, nenhuma se póde nem por sombras, comparar á das cordas inglezas, as quaes — assim como os competentes cintos de coiro — se deveriam achar em todas as estações municipaes: todavia não deixaremos de apontar outras, que o zêlo e philantropia de alguns de nossos compatriotas teem ultimamente proposto, e que importa serem conhecidas, para que, da confrontação de todas, se deduza, com perfeito conhecimento de causa, a preferencia, adopção e generalisação da que fôr melhor.

O nosso correspondente o Sr. J. D. C. N. E. C. prodôe a seguinte *rede de salvação para os incendios.*

Consiste em duas fortes cordas grossas, em as quaes se deverá tecer uma rede de corda de proporcionada grossura, cujas malhas não deixem passar o pé de uma creança; e deverá exceder em largura tres palmos á da janella, com o que se curvará em telha, ficando com uma especie de bordos ou corremões, que são as dictas cordas de uma e outra banda. N'uma das cabeceiras da rede devem estar estas cordas sobejar com dois ganchos, ou peguilhos para prenderem na janella: — esta rede deverá ter de comprimento tanto como a largura de uma rua. Os afflictos içam-n'a por uma corda, que tenham em casa, ou que debaixo ou das janellas fronteiras ou lateraes se lhes lance com um péso na ponta pela janella dentro; atracam-n'a devidamente á dicta janella, e os visinhos de fronte fazem outro tanto á outra extremidade, e assim poderá sair toda uma familia e o seu precioso mais portatil.

O Sr. Manuel Maria Corrêa Seabra propõe: —

Além de um notavel melhoramento ás cordas inglezas, um saco ou cesto de salvação, com um apparelho simplicissimo, facilimo de collocar e de movimento prompto e seguro, tanto no descer como no subir. Folgarão os curiosos de vêr, um e outro invento n'este escriptorio representados em vulto e com os seus movimentos proprios, na frontaria deum lindo edificio de nove palmos de altura e seis de largura, peça em verdade merecedora de attenção e estudo.

O Sr. J. P. G. propõe á Camara Municipal: —

«Estabelecer uma passagem segura e prompta da ultima janella do predio incendiado para a immediata do predio visinho.

«O plano que imagino, diz elle, reune, as importantes vantagens da presteza e segurança, que principalmente se requerem. Consiste n'um *passadiço*, de leve, porém segura construcção, com patamar, e parapeitos, de figura obtusangula, fixado junto á summidade d'uma escada portatil, á maneira das que hoje servem nos incendios: «(como faz vêr pelo desenho que á mesma camara, offereceu e cuja copia se póde consultar no escriptorio da *Revista.*)

«Elevada a escada, e encostada no vão das duas janellas dos predios confinantes, em altura tal que o passadiço fique ao alcance d'ambas, com a maior promptidão, segurança, e commodidade se transportarão por elle d'um para o outro lado os moradores do predio incendiado, podendo até levar comsigo quaesquer preciosidades de maior valor, e pouco pêso.

«D'estas escadas assim construidas deve haver duas pelo menos em cada freguezia, em estações differentes, collocadas em carros, para chegarem a tempo ao ponto do incendio: e para que ellas se elevem com mais facilidade, serão obrigados os senhorios a mandar pregar argolas fortes nas umbreiras das janellas proximas á parede divisoria, afim de que os inquilinos no momento do perigo, enfiando logo por aquellas uma corda, que de prevenção deverão ter, prendam uma das pontas com gancho em dois argolões pregados na face exterior, juncto á ponta dos banzos da escada, e pela outra ponta se puche debaixo até se elevar o passadiço á altura conveniente.»

O Sr. *Emilio Nunes Chaves* publica a seguinte representação por elle dirigida á camara municipal: —

O incendio do dia 21 de novembro, que consternou toda esta capital, não só pela perda de vidas, como tambem por estarem talvez milhares de pessoas expostas á mesma catastrophe, nos leva a propôr um meio, que não só salve a vida ao homem robusto, á timida senhora, ao fraco menino, e ao tremulo ancião, assim como a mobilia da casa incendiada, que se não póde, ou se não quer levar pela escada, porque por ella ha morosidade, e se precisa de gente que nem sempre apparece, e muito menos de confiança; e com o nosso methodo basta uma pessoa para em pouco tempo tudo salvar, salvando-se a final tambem. Esse Salvador de Incendios *nos obrigamos a aprompiar-o, e a collocal-o, no seu destino por* 20$000 *réis. O inquilino tem a vantagem, em se mudando, levar comsigo o* Salvador de Incendios, *e collocal-o na casa para onde vai morar, isto no caso que os senhorios não sejam obrigados a tel-os nos seus predios; e não se pense ser um onus para o proprietario, pois terão mais certo o aluguer de suas casas: ha muitissima gente, que medrosa do fogo, mora nos longes da cidade, tendo obrigação de tribunaes e lojas, só por assistirem independentes e não avisinharem, como nos predios grandes, com genios differentes: ¿na verdade, de que serve sermos escrupulosos com o lume em nossas casas, se na do visinho ha desmazello? Ainda que estejamos persuadidos que o nosso* Salvador de Incendios *é eminentemente util, e não poderá ser reprovado, comtudo talvez appareça outro que garanta maior somma de vantagens. Pedimos á Exm.ª Camara (se o nosso pedido tem logar) haja de convidar os amigos da humanidade, em marcado dia, a mandarem os modêlos que satisfaçam taes fins (para então guardamos apresentar o nosso), levando em vista formar a maior parte da despeza que se faz com os actuaes carros de escadas de incendios, pois com o nosso methodo não são necessarios, porque o* Salvador de Incendios *do predio que arde, serve para o serviço que prestam estas escadas.*

O Sr. J. M. C., n'uma carta publicada pela *Restauração*, diz que — se a camara abrir concurso de *salva-vidas*, para incendios, tambem appresentará a sua idéa.

Felizmente já o concurso se abriu: eis o edital da camara: —

«Desejando a Camara Municipal de Lisboa promover por todos os modos possiveis o bem estar dos seus administrados, e sendo um dos de maior importancia o dar as mais promptas e efficazes providencias rela-

tivas a incendios; convida pelo presente a todos os moradores do municipio, para apresentarem na mesa da vereação quaesquer propostas por escripto, tendentes á salvação das vidas dos moradores d'aquelles predios, em que succeda algum incendio; indicando aquelles meios que mais adequados lhes parecerem, quer de machinas, quer de outra alguma invenção, porque a municipalidade está resolvida a aproveitar todas as medidas, que mais uteis e convenientes lhe parecerem, tendentes a evitar os desastres, que, por similhantes occasiões, podem succeder. A Camara espera dos illustrados moradores d'este concelho, que avaliarão, como merece, o objecto, de que tracta; e que por esse motivo a coadjuvarão com as suas luzes, para levar ao maior gráu de perfeição tudo quanto fôr relativo a evitar as desgraças, que occasionam incendios em uma cidade como a de Lisboa. Camara, em 2 de dezembro de 1844. — O escrivão da camara, *José Maria da Costa e Silva.*»

Temos para nós, que se a camara accrescentar ainda a este convite uma promessa de premio ao vencedor, tão faltarão inventos, por onde, á vontade, se escolha. Não deve porém o julgamento assentar sobre simplices theorias e desenhos; convém que de todas as propostas não regeitaveis *in limine* por nimio complicadas, dispendiosas ou absurdas, se faça experiencia em sitio bem publico e em dia e hora que previamente se annuncie: no qual concurso (não para effeito de premio mas só para serem antepostas se o merecerem) deverão entrar as mangueiras allemães e as cordas inglezas de que já fallámos.

PROVIDENCIAS PARA APAGAR FOGOS.

Não faremos senão recordar o que baldadamente haviamos até agora suggerido. A agua, que entre nós costuma ser o remedio unico para o fogo, deve faser-se com que abunde nos chafarizes proximos pelo modo apontado n'este volume a pagina 37. Dos chafarizes para o sitio indicado deve ser trazida nos baldes de panno, e pelas duas cadêas continuas de homens de que fallámos n'este volume a pagina 63.

As bombas, de que nos servimos, não podem absolutamente chamar-se más: é com tudo bem sabido, que diferem entre si na perfeição, não havendo alguma que eguale em abundancia e força á chamada *do commercio.* Parece logo necessario, que se vão, pouco a pouco, reformando e substituindo por melhores. É este um d'aquelles objectos em que as grandes economias degeneram em grandissimos disperdicios.

Mas não basta isto; é necessario indagar até se saber ao certo, o que são e o que valem as tão pregoadas bombas *hydrobalistas*, de que demos noticia no tomo III, a pagina 525.

Até aqui, pelo que pertence á agua: mas a agua não é o unico remedio para os incendios: além da terra ou areia que abafam o lume, ha (e devêra tambem indagar-se em que consistem e até onde chega a sua efficacia) os pós allemães de *Gratz*, de que fallámos no volume III a pagina 160.

O vapor (segundo a noticia que demos no volume III pagina 417] é para os fogos um veneno subito. Todas as fabricas, onde trabalham machinas de vapor, que bem sujeitas andam a incendiar-se, deveriam tomar para si o conselho que se lhes alli deu; e algum bom machinista idear, se podesse, um ingenho de vapor portatil, que levado na sua carreta para o sitio do incendio, ajudasse a extinguil-o.

Aos bombeiros e artifices destinados aos incendios conviria que se dessem vestidos, senão de amianto, como na Belgica (vede o volume III na pagina 92) pelo menos de fazenda incombustibilisada (vede o volume III a pagina 321) posto que o melhor de tudo parece, que seria o vestuario, que ás mascaras de incendios do inglez *Robert* substituiu *Aldini* em 1825, que é um tecido metalico mui fino e flexivel, coberto de amianto e por cima de lã, infundida em sal ammoniaco; com o que, póde um homem atravessar um grande fogo, e conservar-se n'elle por dez minutos sem lesão.

Para os bombeiros e artifices deveria haver uma eschóla prática, onde, pelo menos, uma ou duas vezes em cada mez, fossem aprender e exercitar-se nos variadissimos trabalhos dos incendios: trabalhos, que, para maior regularidade e perfeição, deveriam ser ordenados e dirigidos com toque de apito como as manobras dos marinheiros, ou de corneta como as evoluções dos caçadores, porque a voz humana, no meio da celeuma (que a ser possivel deveria prohibir-se) só muito dificil e imperfeitamente se póde ouvir, ainda antes de rouca, do que muitas vezes deve resultar o não ser as ordens obedecidas.

Para estas eschólas e boa policia dos incendios, não ha, cuidamos nós, melhor e mais seguro exemplar para seguir do que é *Milão.*

Remataremos esta já larga, ainda que não sobeja, escriptura, com um alvitre novo, que nos parece quasi tão importante, como todos os precedentes reunidos. Deve o inspector dos incendios (não fallamos da pessoa, que hoje exerce esse espinhoso e importantissimo emprego e de cujas luzes, e de cuja boa vontade, principalmente, nós fazemos a devida conta: fallamos em abstracto da entidade inspector de incendios, que póde, segundo o acêrto ou desacêrto da escolha da pessoa, variar desde optima até pessima) deve, repetimos, o inspector dos incendios ser irremissivelmente obrigado a publicar no *Diario do Governo*, logo depois de qualquer fogo, a historia d'elle, circumstanciada e raciocinada: — como se originou, e porquê; como e porque se propagou; como se venceu ou porque resistiu; que soccorros faltaram e porquê, e por culpa de quem; que providencias novas reconheceu deverem-se tomar para o futuro; quaes foram d'entre os obrigados e d'entre os voluntarios os que por seus serviços mereceram mais louvores e recompensas, etc., etc.

Esta relação tem innumeraveis bons effeitos. O inspector, sabio e zeloso, prova aos proprietarios, aos inquilinos, aos visinhos, aos seguradores, ao municipio, ao governo, a todos os seus concidadãos e aos vindoiros, que foi e é digno da altissima confiança, que tiveram n'elle. O inspector incurioso, ignorante, ou allucinado, descobre-se para que o arranquem logo no mesmo dia de um posto, onde está queimando o proximo, e a sua propria consciencia. Os ingenheiros, os architectos, os mestres d'obras, os physicos, os artifices e todos os dotados de um intendimento mais ou menos culto, poderão, sobre o que não viram ou só viram em parte, formar o seu conceito; discutir; com o sabio, aprender para o seu uso; ao nescio, envergonhal-o e confundil-o.

Todo o cidadão tem uma casa e n'ella bens e e tambem familia, que podem arder; todo o cidadão

tem portanto o direito, para exigir que estas contas sejam dadas: e em as dar tem interesse aquelle a quem se pedem; porque será este o unico modo de evitar que os seus inimigos, os seus invejosos, os malevolos e os parvos lhe imputem, como obra sua, calamidades e desastres, de que elle póde, do alto do seu balcão, e, olhando para o povo, lavar entre os innocentes as suas mãos.

A VALLA DA AZAMBUJA.

3667 Vou cumprir a promessa feita no antecedente numero da *Revista*, vou expor e manifestar o meu plano, não obstante saber, que perderei o meu trabalho; ninguem melhor do que eu reconhece a que ponto chega a fé portugueza, ácerca de tudo quanto é estrangeiro; e quanto mais elevada fôr a jerarquia d'aquelles que podem usar, ou empregar qualquer artefacto, plano ou lembrança dos mesmos estrangeiros, mais elevados gráus tem d'esta fé, que sempre nos perde a nós e salva a elles!.... Appéllo para o tempo e para a experiencia, que me justificará completamente, se porventura fôr levado a effeito o systema de canalisação da valla da *Azambuja* e canal das *Onias* tal qual está projectado.

Se eu fosse o ingenheiro d'estas obras, havia de fazer a primeira adufa ou comporta um pouco abaixo das *Virtudes*, no sitio a que chegasse a maré da enchente nas quadraturas da lua, e que me désse cinco palmos de altura dentro da valla, para lhe poder ainda profundar o leito mais seis; e ao nivel d'este leito havia de estabelecer o pavimento da adufa. Daria ás paredes da mesma adufa quatorze palmos de grossura livres da exterior anterior, a qual deve ter de baze um sexto da altura total que eu determino de vinte e cinco, afim de poder vencer um salto de dez, para ficar ainda excedente um bórdo de quatro palmos acima do nivel das aguas da valla superior, que se deve estender até á *Ponte da Asseca*.

Daria ao cofre ou repreza da dicta adufa cento e vinte palmos de comprimento sobre trinta de largura, afim de poder encerrar dentro um grande barco varino de sessenta moios de carga, ou tambem as bateiras da mesma lotação. A massa d'agua alli contida, sem nenhuma embarcação dentro, reputando o salto de dez palmos (que é a differença do nivel natural das marés de enchente ao nivel da agua reprezada na valla superior) produz uma cubatura de trinta e seis mil palmos craveiros cubicos, que são eguaes a treze mil trezentos e noventa e dois pés cubicos inglezes, e que de agua do mar pesam oito centas cincoenta e nove mil septecentas sessenta e seis libras d'*Avoir* (inglezas) e mais dois decimos: —são 859:766,2 libras.

É preciso explicar isto, para mostrar depois o mais que tenho para dizer. —As portas d'esta adufa fechariam em *arc-pontal*, isto é, de encontro sobre os batentes formando uma especie de talha-mar triangular contra o pêso da agua, e tudo o mais executado segundo as regras da architectura hydraulica; as inferiores, que sustentam a agua da repreza, deviam ter vinte e cinco palmos de altura, e depois de abertas deixar livres trinta palmos de abertura para dar passagem ás embarcações carregadas, entrando para esse effeito no macisso das paredes com toda a grossura das madeiras; as portas superiores devem ser da mesma largura, e ter de altura dez palmos craveiros.

A um dos lados d'esta adufa na distancia de cincoenta até cem pés, (conforme fosse mais conveniente) faria a repreza do fluctuador, segundo o systema de *Bettencourt*, a qual devia ser circular e capaz de receber em dez palmos de altura acima do seu fundo aquella massa d'agua, acima calculada de trinta e seis mil palmos cubicos; para o que deve ter de diametro sessenta e oito palmos, a fim de deixar para jogo do fluctuador um espaço vasio e circular de pouco mais de uma polegada; porque o diametro do fluctuador deve ser exactamente de sessenta e septe palmos e seis decimos e deve ter de altura vinte e oito palmos: este fluctuador é perfeitamente cylindrico na superficie exterior, e deve ser bem liso para trabalhar á maneira de um pistão como ao diante farei vêr.

O fundo da repreza do fluctuador fica inferior dois palmos ao nivel do fundo do cofre da adufa, afim de que durante o jogo do sobredicto fluctuador possa esta agua, que leva de mais, encher o espaço vasio que fica entre a sua superficie exterior e a da repreza; as paredes devem ter as mesmas grossuras e escarpas já dictas e determinadas para o cofre da referida adufa.

Communica-se o fundo de ambas as reprezas por meio de um siphão inverso feito de aduelas de pedra de cantaria, e deve este siphão ter no seu interior uma área de secção vertical de fórma elliptica, com o seu eixo maior de vinte e septe palmos, e o menor de quatorze, afim de dar prompta passagem á agua de uma parte para a outra. — As aduelas de pedra, além de serem gateadas, devem ser sustentadas pela parte exterior com arcos de ferro de seis polegadas de largura, ficando na distancia de quatro palmos uns dos outros: tudo, emfim, revestido com um massiço de alvenaria de uma braça de grossura por todos os lados, e bem assente em argamasso hydraulico; as juntas são por dentro betumadas com betume de asphalto.

Estando as coisas assim dispostas segue-se que, levantando o fluctuador á altura de doze palmos, a agua do cofre da adufa passará pelo siphão e occupará a parte inferior da repreza circular até ficar de nivel com a da maré de enchente, suppondo as portas inferiores abertas. Se n'este estado de coisas entrar um barco para dentro da adufa, se se fecharem as portas d'esta, e se o fluctuador carregado de um lastro equivalente em pêso ao total da massa d'agua, que póde encher o cofre até ganhar o nivel da agua da valla superior, necessariamente elle fará injectar a agua sottoposta para o cofre, e fará elevar a embarcação, a qual póde depois passar para a valla superior abrindo-se as portas respectivas.

Como a agua do cofre está de nivel, não se póde derramar a superior, e por isso, fechando as portas depois da passagem da embarcação nenhuma se gasta, antes sim a porção, deslocada pelo pêso da embarcação, passa por cima das referidas portas superiores, em razão de terem as muralhas da adufa cinco palmos mais de altura. Isto é evidente; mas assombra-se o nosso espirito com a idéa de poder manobrar, rapidamente, um fluctuador que deve pesar seis mil septecentos e desesseis quintaes (em rigor 6:716,9): mas vão a maiores vinte para romper o equilibrio e vencer os attritos com rapidez: assombra-se é verdade; mas não se deve assombrar; porque em mechanica não ha pesos grandes nem pequenos, ha potencias e resistencias, e por isso quando as primei-

ras estiverem ao nosso alcance, facilmente se vencem as ultimas. Se é coisa tão facil erguer e abaixar um balde de poço com a pequena força de nossos braços, tambem o será manobrar este fluctuador pela força de uma machina de vapor de alta pressão da potencia de cento e cincoenta cavallos, e por meio de um machinismo convenientemente adaptado, como adiante explicarei: asseguro que se póde fazer elevar e abaixar dentro em doze minutos, tempo em que um barco póde subir para a valla superior, e baixar outro barco para a inferior, ainda que sejam da lotação de sessenta moios. Tambem se não póde dizer que uma machina de vapor de cento e cincoenta cavallos, seja coisa nunca vista; porque a fragata de guerra franceza, denominada *Gomer*, é movida por uma d'estas machinas da força de quatrocentos e sessenta; logo, se é possivel metter similhante machina a bórdo de uma embarcação, mais facil será colocal-a em terra firme. Nem se diga tambem que é obra muito dispendiosa; porque mais e muito mais, quatro ou seis vezes mais dinheiro custará o deposito d'agua projectado para o canal, as expropriações de terrenos, as vallas de condução por terras alheias, e tudo o mais em que fallei nos antecedentes numeros. Além d'isto, a força d'esta machina póde ser applicada a mover vinte rodas de moinhos durante as cheias e por todo o tempo em que o Téjo levar agua superabundante: eu farei o calculo dos interesses que póde dar á empreza, e ver-se-ha que póde tirar um juro muito avultado dos capitaes empregados; occupar-me-hei no entanto de continuar a descripção do meu projecto.

Como as embarcações de carga de sessenta moios não poderão chegar á primeira adufa senão em marés de enchente, eu lhe faria pela parte inferior, e proxima, uma caldeira de mil e quinhentos palmos de comprimento, sobre trezentos de largura fechada com uma comporta, para alli receber todas as embarcações que demandassem o canal; e que não podessem passar durante as seis horas da meia maré de cheio e meia de vazante: seria de grande utilidade esta obra, afim de se poder trabalhar na adufa, tanto em maré alta como baixa. A valla superior que vae até á *Ponte da Asseca*, devia ter outra caldeira de figura eliptica, e da mesma capacidade da antecedente, logo depois da porta superior da mesma adufa para alli esperarem as embarcações que pertendessem descer.

No principio do canal das *Onias* faria outra adufa de fluctuador pela mesma fórma já descripta, e alli estabeleceria outra machina de vapor da mesma força; aqui não é precisa a caldeira inferior; mas a superior de figura eliptica é indispensavel.

Ultimamente fecharia o mesmo canal no sitio das *Onias* com portas de mar como tem projectado os Sr.s *Ortts*; pois isto é necessario para evitar as cheias.

Emfim eu daria a este canal noventa palmos de bocca contados á superficie da agua, dez de altura, e trinta de largura na parte inferior; as vallas, desde a *Ponte da Asseca* até ás *Virtudes* devem ter as mesmas dimensões, e desde a caldeira das *Virtudes* até á foz a mesma largura que já tem, e mais cinco palmos de profundidade.

Todo e qualquer canal precisa de contra-fossos para dar escoamento á agua infiltrada, e n'este são mais precisos do que em nenhum outro pelas seguintes razões. A terra dos campos de Vallada é mais alta junto do *Téjo*, do que ao pé da valla actual; porque as enchentes fazem isto, depositando as arêas mais pesadas que transbordam, e levando em suspensão a terra e lodo para o depositarem mais longe; mas era preciso em cada campo dos particulares fazer um rego de despejo, que fosse levar as aguas escorridas da chuva, e das cheias a uma valvula bem feita de despejo, que se abrisse para o fosso, e deixasse passar a agua n'este sentido; mas que não deixasse entrar a do mesmo fosso durante as cheias, nem a das marés desde as *Virtudes* para baixo. O contra-fosso da parte do monte deve ser feito de maneira que possa enxugar os paues que alli ha, tanto para os poder cultivar, como em razão da salubridade; mas não se póde obter o que digo naturalmente, por falta de declive para escoamento; e será preciso empregar a arte para o dicto effeito, como vou a dizer. Os mencionados paues denominam-se — *Paul da Asseca*; *Paul da Aramanha*; *Paul de Aveiras*; o fosso d'estes paues devia principiar no de *Asseca* e vir correndo ao lado da valla até findar em uma repreza junto da estação da primeira machina de vapor; mas sem communicar livremente com as marés, e teria de passar em siphões inversos de pedra por baixo das vallas denominadas — do *Ripilau*, de *Algares*, e do *Mouro*; porque estas vallas o cruzam na sua emboccadura com a grande valla actual. Eu determinei para a machina de vapor uma força de 10 cavallos a maiores da precisa para mover o fluctuador, com vistas de empregar esta força em fazer trabalhar duas rodas de nora com oito rosarios de alcatruzes, da capacidade de tres almudes e meio de Lisboa cada um d'elles, e reputando que subirão cheios seis alcatruzes em cada rosario no tempo de quinze segundos, segue-se que fará elevar a machina, por minuto, seis centos septenta e dois (672) e por hora quarenta mil tresentos e vinte (40$320.) Esta agua elevada á altura de vinte e sete palmos (27 pp.) correrá por calhas para alimentar a valla superior, reparando-lhe as perdas da que se verte pelas portas, e se perde por infiltração e evaporação.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

(*Continuar-se-ha.*)

SOBRE HAVER OU NÃO HAVER MINAS EM PORTUGAL.

(*Vem de pag.* 211.)

3668 Diz o Sr. Barão de Echwege, que não ha minas entre nós; e o governo a persistir na credulidade de que as ha; a expedir uma portaria á sociedade pharmaceutica, com data de 16 d'agosto de 1839, mandando proceder á analyse das aguas mineraes do reino, e bem assim á d'algumas minas como a d'oiro na *Adiça*; a de chumbo em *Ventosello*, e a de estanho em *Rebordoza*. Não temos minas, e continuam seguindo os mythos da historia, e a annunciar minas, como faz o Sr. *Francisco Bernardo dos Sanctos*, delegado da sociedade pharmaceutica no Porto, dizendo no seu relatorio em 29 de março de 1840: —

« Descrevendo algumas das particularidades que tenho de » tractar, quizera ser mais minucioso na exposição de varios ob- » jectos, como são — minas — aguas mineraes, etc., etc.; — mas » causas que não são estranhas á sociedade, me impedem de o » fazer como devêra, e é meu desejo. »

« Tractando das minas, mencionarei duas que posto sejam » de carvão de pedra, d'ellas se extrae algum antimonio, ain- » da que em mui diminuta quantidade o qual é remetido á fun-

» dição da capital pela administração d'estas minas. Tam-
» bem não esquecerei uma de estanho, e diversas d'antimonio,
» arsenico, e enxofre. Do que exponho fui informado por pes-
» soas dos sitios em que se acham as referidas minas. »

« Já fiz ver á sociedade que se havia marcado terreno para
» a exploração da mina d'azougue, que appareceu n'esta cida-
» de, a que ainda se não deu principio, e a meu ver tarde se
» dará, visto demandar expropriações de grande valor que a
» sociedade exploradora não poderá empreender. »

Julgo ser esta mina uma em que ha tempos me fallou o sr. João de Mattos Pinto, e que ha annos se descobriu, mas a que se não deu a devida importancia.

Continúa o relatorio: « na distancia de legua e meia a duas le-
» guas d'esta cidade, correndo para o nascente na freguezia
» de S. Pedro da Cova, concelho de Gondomar, ha duas mi-
» nas abertas, na direcção de norte a sul, entre duas serras,
» d'onde se extrae carvão de pedra, que abastece esta cidade,
» apparecendo com elle algum antimonio. Uma d'estas minas
» é aberta no passal da Abadia, e a segunda em Valinhas, a
» pouca distancia. Na villa de Vallongo ha varias minas d'an-
» timonio, e d'outro mineral que me dizem recusam mostrar;
» ¿quem sabe se não será prata ou oiro? Legua e meia ao nascen-
» te d'aquella villa se encontra uma mina voltada ao norte, da
» qual se extrae assás d'arsenico, e enxofre. Ignoro o proces-
» so que empregam para a separação d'estes mineraes; assim
» como se existem misturados com alguma outra substancia.
» Finalmente, em Rebordosa, uma legua ao norte, e volta-
» da ao sul existe outra mina, aberta em sitio montanhoso d'on-
» de se extrae estanho, e antimonio: sae este das minas de
» Vallongo no estado pedregozo, o estanho no argiloso, e o
» arsenico, e enxofre no calcareo. »

Não temos riquezas mineralogicas, e S. S.ª, contra o mesmo que affirma, as demonstra na sua bella memoria com os additamentos do Sr. *Vandelli* inserta na historia, e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Henrique José de Sousa Telles.

(Continuar-se-ha.)

ALIENADOS.

3669 Com muito proveito havemos lido e estudado o pequeno, mas importantissimo, livrinho recém-dado á luz pelo nosso tão conhecido e tão sabio medico o Sr. Bernardino Antonio Gomes, sob o titulo — *Dos estabelecimentos de Alienados nos Estados Principaes da Europa*. Em 1843. — Um volume de oitavo, de 123 paginas, ornado de varias cartas illustrativas, lithographadas.

Esta obra preciosa no conceito dos peritos, accessivel a todas as luzes, e por tal arte escripta, que se lê inteira de um fôlego e com grande prazer, é fructo de profundas meditações de um homem que, dotado de singular talento e juizo, poz peito a estudar, quanto lhe fosse possivel, a materia, não só nos escriptos que a tractavam, não só nos homens eminentes que a professavam com amor e zêlo, mas em si mesma.

Na sua ultima viagem scientifica por terras da cultissima Allemanha e outras, dominado sempre da generosa idéa de preparar em silencio um futuro menos cruel para a numerosa e infeliz classe dos alienados, o Sr. *Gomes* viu, palpou, analysou e, a final, julgou magistralmente todos quantos estabelecimentos a caridade e a sciencia de mãos dadas teem, nas differentes partes, erigido para os mais simpathicos de todos os enfermos; para os enfermos do espirito. O tempo, que outros haveriam malbaratado em recreações frivolas ou egoistas, ou, quando muito, em enramalhetar curiosas noticias de artes, de costumes, de philosophia, ou de politica para virem, enfeitados com isso, brilhar nas conversações das assembléas ou nas paginas de algum periodico mais ou menos frivolo; essas horas do viajante, tão difficeis de concentrar no meio de tão encontradas e, ás vezes, tão irresistiveis attracções, teve elle a não vulgar hombridade de as empregar todas no objecto mais proveitoso sim, porém de todos incontestavelmente o mais penoso: por isso tambem n'uma questão de tamanha importancia como é hoje, entre nós, a da fundação e regimento de um hospital de loucos, temos n'elle, afoitamente se póde dizer, um conselheiro insuspeito, um guia seguro e um mestre, a quem nem inimigos, se os tivesse, poderiam negar a primasia.

Peza-nos não poder resumir ao menos, alguns dos pontos principaes que o auctor discute no seu tractado; mas não o podemos que nol-o veda o receio de os enfraquecer, arrancando-os d'entre todos os outros, com que são intimamente ligados, e com os quaes constituem um todo harmonico e indivisivel. Diremos só, que uma sua convicção que parece inabalavel, e que elle nos soube incutir qual em si a tinha, é esta, — « que para um hospital de alienados, nenhum edificio póde servir que fundamentalmente não fosse para isso destinado: » — convicção de que oxalá o paternal governo d'este reino se chegue tambem a possuir.

Mas terminemos deixando fallar o proprio auctor sobre a necessidade, a indispensabilidade, a urgencia e as facilidades tambem de tal edificação: —

« Não faltará quem considere tudo que levamos dicto como demasiado gigantesco, como outras tantas utopias, e não clame logo com a pequenez dos nossos recursos pecuniarios, com a miseria do nosso paiz. A esses porém direi que tenham a paciencia de lêr o que temos escripto n'esta resenha historica, e verão se é de modo mui differente, e dando-lhes menos importancia, que estas questões estão sendo, e tem sido tractadas pelos governos e paizes mais illustrados, e que consideram taes necessidades publicas não um objecto accessorio, mas o primeiro alvo dos seus desvelos. »

« O argumento da falta de recursos, e de pobreza é de todos o mais desgraçado que póde offerecer-se em presença dos factos. ¿Pois um paiz que dispõe ainda com tanta facilidade de recursos para levantar um sumptuoso theatro, como o que temos visto crescer em pouco tempo na praça de D. Pedro, construcção cuja utilidade ninguem desconhece, mas não soffre um instante parallelo com a do objecto de nossas considerações, não poderá, disemos, tal paiz achar recursos, ao menos tantos, para se valer a tão grande numero de infelizes, e livrar-se da nodoa que póde vir-lhe de menospresar as primeiras necessidades sociaes? ¿Poderemos nós sustentar a tanto custo theatros de canto em Lisboa e no Porto, rivalisando como tem por tanto tempo podido rivalisar com os das primeiras capitaes da Europa, sem que para isso nos atemorise a nossa miseria publica, e só a teremos presente quando se tracte de suavisar os males dos que soffrem, regateando alguns contos de réis, que com elles se poderão mais consumir? ¿Precisaremos acaso mais esses cantos para atordoarmos a supposta miseria; ou seremos como esses opprimidos de remórsos e de penas, que vão mergulhal-os e esquecel-os na embriaguez e na dissipação? ¿Será pobre um paiz, em cujas primeiras cidades se ostenta o luxo que vae nas nossas, onde se conta tão

grande numero de poderosos capitalistas e proprietarios, onde ha riquissimas misericordias e confrarias, cujo instituto especial é prover com suas riquezas ás necessidades do pobre doente, do orphão, do desvalido? ¿Teremos acaso a confessar só a nossa pobreza quando se tracta de objectos como o nosso? ¿Que uso fazemos assim de uma religião, toda caridade e amor do proximo, e que por tal nos ufanamos ser a melhor, a mais civilisadora, e nós os seus melhores e mais fieis cultores? ¿Com tal confissão de pobresa que dirão de nós esses pequenos estados de Allemanha, que nunca tiveram á sua disposição (felizmente para elles), nem accumularam em si as riquesas da India, da America, e da Africa, e que tão bem sabem aproveitar seus mui fracos recursos para nos envergonhar (como póde ver-se dos exemplos que citámos) com suas sumptuosas construcções, não de theatros, não de objectos outros de mui secundaria utilidade, mas de magnificos e bem provídos asylos para alienados, assim como os vemos ricos de bons e vastos estabelecimentos de ensino, bem provídas livrarias, gabinetes, museos, jardins botanicos, boas estradas, canaes, e outros indicios de verdadeira civilisação, de uma providente administração publica? — A nossa miseria não é de certo tanto o resultado da falta de recursos, que os ha ainda muitos n'esta nossa terra, mas está toda no mal que os aproveitámos, na direcção viciosa porque em grande parte os encaminhamos ainda. — Não queremos com isto accusar individuos, que não é essa nossa missão, nem crêmos que o defeito esteja n'uns ou n'outros, mas sim na época. Accordámos proximamente do profundo lethargo em que temos jazido, e abrimos apenas os olhos para conhecer tudo que existe por fazer, o muito que nossos antepassados despresaram os recursos immensos que tiveram á sua disposição, e porque podiam preparar-nos outra posição hoje na Europa civilisada. Como atordoados por esse lethargo, falta-nos ainda, é forçoso confessal-o, o conhecimento todo e a grandesa de vistas que se requer para entrar da melhor fórma na carreira de todos esses melhoramentos para que nos impelle a necessidade e o seculo em que vivemos. »

« Anticiparemos um juiso. — Parece-nos que para o nosso paiz todas as necessidades, quanto a alienados seriam satisfeitas: «

« 1.° Creando dois hospitaes para alienados curaveis, dos quaes um nas visinhanças de Lisboa, outro nas do Porto. Bastaria que offerecessem capacidade cada um para conter 100 a 150 doentes, devidamente classificados por sexos, condições sociaes, e fórma de alienação. »

« 2.° Formando um asylo para incuraveis com capacidade para 500 a 600 doentes, que de preferencia deve collocar-se no centro do reino. »

« Os hospitaes para curaveis quizeramos que fossem construidos completamente de novo com os requisitos todos proprios para taes estabelecimentos; para o asylo poderia aproveitar-se algum dos antigos conventos, o de Thomar ou o de Alcobaça por exemplo, os quaes por sua posição central, vastidão dos edificios, e amenidade de sitio, offerecem disposições muito aproveitaveis para o objecto. »

« Quanto a recursos pecuniarios são de duas ordens os precisos: — para apropriação de terrenos, construcção de edificios e mobilia propria; — para a despesa ou costeio annual. Quanto á primeira parte, objecto de difficuldade maior, debalde se recorreria hoje ao thesoiro publico; no meio porém de seus embaraços financeiros ainda era possivel ao governo fornecer auxilios importantes, como são: madeira dos pinhaes do estado, cantaria e mais pedra de edificios publicos em ruina e inuteis, havendo-os em proximidade, e mesmo algum partido de obras publicas, como tem sido praticado com o theatro do Rocio. Ha a aproveitar o legado dos Srs. *Sampaios* e mais donativos de particulares, e estou certo não faltaria quem os fizesse e avultados, sendo o objecto commettido a pessoas de confiança, e que habilmente os promovessem. Intendemos por fim que feitos os devidos orçamentos, e para o restante preciso, se poderiam levantar fundos na quantia correspondente, cujos juros e amortisação eu poria a cargo de todas as misericordias e confrarias do reino e ilhas adjacentes, calculando o encargo de cada uma segundo seus recursos pecuniarios, extensão de territorio ou numero de habitantes a que se estende sua acção. O numero que ha d'estas instituições, e a riqueza de muitas deve fazer pouco pesada para todas, esta contribuição, cujo objecto está além de tudo o mais possivel no espirito de taes instituições. Crêmos que a combinação de todos estes meios daria sobejos recursos para o fim proposto, mesmo quando elle fosse de maior amplitude, e a nossa riqueza publica mais apoucada. «

» Quanto á segundo parte, o costeio dos estabelecimentos, essa despeza é a mais facil de regular. Os doentes de familias abastadas nacionaes ou estrangeiras pagam pensões, que serão maiores ou menores, segundo a classe de pensionistas a que houverem de pertencer nos estabelecimentos, ou segundo as commodidades a que devam ter direito. Os militares pagam o seu tractamento com os descontos dos soldos a que estão habituados quando entram em hospitaes. Os doentes pobres serão a cargo das municipalidades a que pertencem, ou das misericordias e hospitaes, que os tem costumado receber, e que cessando de o fazer pela creação de estabelecimentos especiaes, podem contribuir para estes com o que de menos ficam assim dispendendo. Cada doente por esta fórma paga a sua despeza, e a somma de todas estas contribuições parciaes poderá bastar ao costeio do estabelecimento; quando porém assim não succeda, é o caso de se addicionar algum recurso annual pelo orçamento, que nunca seria mui consideravel com os precedentes recursos. Finalmente estes estabelecimentos tendo uma existencia propria, e ganhando a confiança do publico por sua boa administração e serviço, obteriam com o tempo legados e donativos, que pouco a pouco os libertassem da precisão de auxilios do governo e das municipalidades, mesmo misericordias e hospitaes geraes, quanto á sustentação dos doentes pobres. »

« ¿E poderá dizer-se que seja impraticavel o que propômos? ¿ha ahi alguma coisa que não seja realisavel, nas circumstancias mesmo em que nos achâmos, ou quando fossem até mais desfavoraveis? — Eis pois como intendemos a questão, na sua maior amplitude, as bases que proporiamos para a sua resolução, a qual depende toda, quanto a nós, de um governo que a compreenda, e a queira abraçar com o calor que merece, etc., etc., etc. »

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O CARDEAL PATRIARCHA D. THOMAZ DE ALMEIDA.

12 DE DEZEMBRO DE 1742.

3670 ALHANDRA era até 1742 uma das villas que estavam nas mesmas circumstancias, em que hoje se acham muitas do *Ribatéjo*: carecia de agua para beber.

Estavam os moradores reduzidos á dos poços, que era immunda, dessaborosa e nociva; e ainda assim nos verões a não havia, sendo mister para então valer da do Téjo.

Recorreram a um virtuosissimo varão d'aquella edade, o Cardeal Patriarcha D. *Thomaz d'Almeida*: e este aos 12 de dezembro de 1742 lhes doou uma sua quinta denominada de *Roque Annes*, por ser abundantissima de boas aguas, e n'ella mandou fazer uma nobilissima fonte, á borda da estrada real, para remedio dos moradores, e passageiros de tão frequente estrada, com o que se atalharam muitas molestias, que até alli crestavam a povoação. Não parou n'isto a caridade do Prelado; pois comprando a quinta, que por nenhum modo quiz incorporar na mitra, instituiu, que, do que ella mesma produzisse se fizessem perpetuamente os concertos necessarios aos aqueductos e fonte, e do remanescente se pagasse a botica, como ainda hoje se está pagando aos pobres pelo amor de N. S. Jesu Christo.

Nunca de certo nós outros os da terra, a quem fez estes e outros beneficios nos esqueceremos do seu nome. Não é portanto para nós que eu faço esta commemoração, mas porque tenho para mim que mortos, como aquelle, bom é que se lembrem muitas vezes a vivos, como estes. *Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.*

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

XII.

BOMBAIM.

» On n'y vient pas pour vivre, pour jouir de la vie; — on y vient, et cela est vrai dans toutes les positions sociales, pour gagner de quoi en jouir ailleurs. «

(Victor Jacquemont.)

3671 Ao PRIMEIRO alvor do dia 31 nos démos pressa de tomar conhecimento mais topographico da nossa residencia, e do sitio circumstante. A parte meridional da ilha forma uma especie de crescente, cuja ponta occidental é a cabeça de uma pequena elevação, a que chamam — *monte do Malabar*, — no cimo do qual se fabricou um palacio de verão, em situação mui lavada de ares e aprasivel, para os governadores de Bombaim. Este palacio, ou casa de campo, consta de tres peças destacadas, todas ao rez do chão e á feição dos *Bungalows* da India. — A 1.ª contém algumas salas, gabinetes, e camarins, adornados com decente simplicidade, circumdados de uma alpendrada, que os faz a todos egualmente claros, e arejados; a 2.ª é destinada para accommodação dos ajudantes de ordens do governador; e a 3.ª, um tanto mais elevada do que as outras duas, compõe-se unicamente de cosinha, salas de jantar e officinas. — As tres peças estão dispostas em triangulo quasi equilatero, cuja área se deveria já ter arborisado mais. A poucos passos da distancia, tomando ao acaso por uma vel-a para a parte do poente, nos achámos, quasi a subitas, á borda de um grandissimo tanque, com escadas de espaço a espaço, que descem até ao fundo da agua, e em volta d'elle varios gentios, em diversas posturas, e como embevecidos em oração, reinando n'este logar que nos pareceu encantado, a mais silenciosa tranquillidade, que nem as aves quebravam com seus gorgeios, tão proprios da hora, em que ás sombras succede a claridade. — E como andassemos para além do tanque, topámos casas, e templos [*os pagodes* que depois nos foram tão familiares] com o que nos desenganámos de que havia n'este sitio uma povoação, que tinha alguma coisa de singular, não só pela solemnidade, digâmos assim, do seu silencio, se não por se ver que de proposito a tinham assentado fóra do caminho publico, e quasi incommunicavel. — Soubemos depois chamar-se *Walkeshur*, e ser habitada por philosophos bramanes, que ahi vivem vida solitaria e contemplativa, alheios ao que se passa no mundo, como os gymnosophistas do Ganges. — O povo os vae consultar em suas tribulações, e se assevera que muitos d'elles alli teem nascido e morrido, sem já mais terem crusado as portas da cidade, a poucas milhas de distancia.

Juncto do palacio encontram-se figuras mutiladas, e denegridas, e restos de paredes e arcarias, onde disem que houvera um pagode, dedicado á trindade indica, que foi destruido pelos primeiros portuguezes que occuparam a ilha. — Muitos dos fragmentos teem sido aproveitados pelos gentios na construcção dos tanques e templos da aldêa sagrada de *Walkeshur*. — Fica perto d'estas ruinas a fenda *mysteriosa*, a que dão no paiz o nome de *Jani*, e que vem a ser um rasgamento, ou abertura, no meio de uma fechada mole de rochedos, á qual attribuem a virtude de regenerar os que logram passar por entre ella de um para outro lado: o vão não é muito estreito; — mas é de tal configuração, que requer certa agilidade e flexibilidade de membros, para se passar; — tanto assim que muitos homens corpulentos passam promptamente, e nunca outros de vulto inferior.

Eram 7 horas: — o ardentissimo dardejar do sol não deixou prolongar por mais tempo esta primeira excursão. — A's 10 foi servido o almoço, com abundancia e variedade, e assim nos mais dias; — o jantar ás 7 da tarde.

O barão, e o seu estado maior, tivemos em todos os dias de residencia em Bombaim convite para jantar dos membros do governo, e de outras pessoas de distincção; — porém como pela nossa parte não queriamos deixar de vêr quanto a ilha offerece de interessante, algumas vezes nos eximimos de o acompanhar. *C. Lagrange.*

(Continuar-se-ha.)

N. B. Por extenso para este numero, a cortamos aqui o presente capitulo.

NOTICIAS.

PREMIOS.

3672 Não havemos de negar ao governo o louvor, que lhe

é devido, por ter galardoado, com a ordem de Christo aos Srs. *Manetti e Ramires*, os generosos serviços, que d'elles relatámos, feitos perante milhares de testimunhas no lamentavel incendio da *Magdalena*. Ponderaremos comtudo, que, para arrojos d'esta especie, muito mais acertado premio parece que seria o distinctivo do VALOR, LEALDADE E MERITO, do que um habito, que, similhante ás moedas velhas e gastas, pouco já val, e nada exprime ao intendimento nem á imaginação: a TORRE E ESPADA, sim, e não assenta ella melhor no peito do soldado, cujo dever e profissão é ser valoroso do que no do paisano, que espontaneamente vae arriscar a sua vida para salvar a de outrem.

A esta consideração moral accresce outra, ainda ponderosa, postoque não tanto. A cruz de Christo é pecuniariamente onerosa para quem a recebe; a TORRE E ESPADA, até n'isto tem mais natureza de premio, confere-se gratuitamente. Esta idéa que já uma vez accenámos no artigo 3558, pareceu-nos bem avival-a aqui, para que, se é qual nos parece, a ella possam attender d'aqui ávante os dispenseiros das recompensas régias.

VACCINA VITREA.

3673 Grassando bexigas em terras do districto administrativo de *Braga*, mandou-se ir vaccina de *Lisboa*; e repartiu-se pelos facultativos, para accudirem ás muitas creanças para quem era desejada.

O cirurgião de..... que, segundo parece, nunca tinha visto vaccina, pelo menos da que se manda pelo correio, desatou curioso o retroz, desembrulhou o papel; depois a folha de chumbo; e ficou pasmado, não achando debaixo de tantos resguardos, senão dois quadradinhos de vidro ordinario, apenas bons para jogar o loto: se fosse ás abas do carnaval, tomaria a coisa por burla desenxabida; mas nem era entrudo, nem os governadores civís o costumam jogar com os cirurgiões.

Virou e revirou vinte vezes o par de laminas; cheirou-as; provou-as com a pontinha da lingua; olhou-as muito bem ao sol, e, como nada descobrisse, inferiu que devia ser aquillo invento novo de estrangeiros; e que o preservativo, uma vez que não apparecia por fóra do vidro, devia estar dentro. Achada esta idéa luminosa, mette os vidros n'um almofariz, moe-os o mais fino que póde, amassa o pó com agua, e com esta massa começa a vaccinar.

Felizmente não resultou da operação o damno, que se haveria seguido, se a inspiração lhe tivesse dado para applicar a nova vaccina como bebida. As creanças, que lhe passaram pelas mãos, não ficaram livres de vir a ter bexigas; mas provavelmente o ficarão de serem nunca mais tractados por aquelle doctor.

DEGREDO POR ASSASSINIO.

3674 Escrevem-nos de Loulé, que *Antonio Ignacio Junior*, de dezenove annos de edade, tivera um desafio com *Manuel Villas*, da *Goncinha*, arredores d'esta villa, de que resultou aquelle jogar-lhe uma navalhada ao ventre, com que expirou dez dias depois; feita a autopsia, reconheceu-se haver sido a morte consequencia da ferida. Foi condemnado na ultima audiencia geral de *Loulé* para um dos presidios d'Africa por toda a vida.

ANECDOTA DIPLOMATICA.

3675 Como fossem indubitavelmente summa vantagem para o commercio e cultura vinícola de Portugal as reducções, que nos *Estados Unidos* se fizeram, em data de 23 de maio ultimo, aos direitos dos vinhos portuguezes, que houvessem de entrar n'aquelles estados, tão populosos, tão ricos, e onde o frio do clima e as reminiscencias da educação ingleza são por ora mais poderosas que as sociedades de temperança, e como para se essas reducções realisarem, postoque aliás contidas no tractado commercial de 26 de agosto de 1840, entre o nosso governo e o d'aquella parte do mundo, foram necessarios todos os constantes esforços, toda a patriotica perseverança, todo o muito credito e habilidade do nosso representante lá o Sr. *Figaniére e Morão*, julgamos dar gosto aos nossos leitores portuguezes, transcrevendo o seguinte do *Defensor* da ilha da *Madeira* de 31 de agosto: —

« Muito deve Portugal, mas sobre tudo a ilha da Madeira, aos nobres e patrioticos serviços do Sr. *Figaniére e Morão*, que não se poupou a esforço algum para convencer o governo dos Estados-Unidos da injustiça com que tractava Portugal. .....

No mesmo jornal a 7 de septembro:

« Parece a muitas pessoas conveniente, que as camaras municipaes da ilha, enviem uma mensagem de agradecimento ao muito benemerito Sr. Conselheiro Commendador *Figaniére e Morão*, ministro portuguez junto aos Estados-Unidos, a cujos nobres esforços, e ao credito pessoal de que ahi gosa, se deve, sem duvida, o feliz resultado da rebaixa nos direitos sobre os vinhos. »

Concluiremos tradusindo uma anecdota que se lê no *Daily Saratoga Whig* de 10 de agosto.

Logo que em *Congress Hall* (*hotel* mui frequentado nos banhos de caldas de Saratoga) se espalhou a nova de que o ministro portuguez, se achava presente ao jantar, todos os cavalheiros a uma voz pediram vinho da Madeira, em demonstração do apreço em que eram tidos os seus esforços para obter a reducção nos direitos d'este vinho especial; ao que o mesmo ministro correspondeu agradecido, pedindo que lhe trouxessem uma garrafa de cidra de *Newark* (bebida do paiz.) »

Não foi por certo dos que ficaram mais bem bebidos, mas em compensação houve no brinde do diplomatico o espirito que faltava no seu copo.

O BEIJO.

3676 Damos e pedimos parabens pela boa e bem merecida fortuna de que se está logrando a poetico-musica tentativa dos Srs. *Silva Leal e Frondoni*, representada, sob o titulo *O Beijo*, no theatro normal e nacional da *Rua dos Condes*.

Os constantes applausos, de que tem gosado esta, aliás, bagatella para as forças, assim do poeta como do compositor, a quem a devemos, são para notar, nos parece, como prospero auspicio e animação fecunda para o tão desejado e tão desejavel nascimento da verdadeira opera nacional portugueza. Já ahi pertendeu quem quer que fosse, se nos não enganam, arguir a *Revista* de contradictoria, por ter annunciado com louvor a representação do *Beijo*, depois de haver constantemente guerreado a opera comica dos Condes. A esse fino e sagaz censor, que Deus guarde de sua mão para terras em que não haja que censurar, responderiamos nós se fôra caso em que se devesse tornar resposta, — que pela mesmissima razão porque reprovavamos aquillo, é que nós aprovamos isto. A monomania da opera comica estrangeira concorria, por dois modos, para retardar a ressurreição da nossa musica peculiar portugueza, morta, ha muitos annos, pela, aliás boa, musica italiana, e n'estes annos ultimos enterrada pela semi-musica *vaudeville* dos francezes.

Para tão desnacional e absurdo fim, absurdo e desnacional nos parecia que era o consentir-se, como se consentia, em que o theatro, subsidiado para normal de declamação patria, consumisse o seu tempo e os seus talentos em cantarolas estrangeiras, mal casadas com versos sem peso nem medida, e executadas (fallamos em sentido de patibulo) por actores sem afinação, nem eschóla: e na verdade, todos sabem quanto essa teima de um empresario estrangeiro, que nenhuma obrigação tinha de zelar, como nós, as nossas coisas, atrazou e viciou os artistas, desvairou o gosto natural, e o bom senso de uma parte da platéa e deixou os auctores dramaticos de mãos debaixo dos braços, á espera de que passasse o cataclysmo misharmonico, para elles recomeçarem os seus trabalhos.

Inimigos da musica nunca o fomos: nem da ópera, nem das óperas estrangeiras: detestavamos, sim, uma duplice usurpação que alli viamos, do canto á declamação, e de um genero forasteiro e bastardo de musica á musica tão saborosa das nossas Hispanhas, e á preciosa variedade d'ella, chamada musica portugueza.

Bem hajam pois o Sr. *Silva Leal* e o Sr. *Frondoni*, que já principiaram e promettem continuar este processo de reivindicação, de que, a final, se ha-de seguir o termos tambem nós, uma ópera como todas as mais gentes d'esse mundo.

Somos inteiramente da opinião do *Caetano de Castro*, que, n'esta farça, toda portugueza, diz á *Joaninha*:

« Raparigas! Vocês sempre são umas santinhas. Quero-as » á noite todas lá em casa para se divertirem. Mando pôr lu- » zes no jardim: hade-se dançar o fandango, cantar modinhas » saloias.... E' verdade, ó Joaninha, já ha tanto tempo que » te não oiço cantar..... Olh i emquanto esperamos, porque não » cantas tu uma modinha.... cá da terra que é das que gos- » to; porque vocês já estão muito Lisboetas, já cantam a *Nor- » ma* e o *Dominó*, já dançam contradanças francezas.... Co- » mo são tolas! fazem-se macacos da gente da cidade no que » não podem fazer tão bem como lá se faz, e n'aquillo em » que ninguem lhes chega, já se vão fazendo esquivas, e des- » presando... vamos vá uma modinha.... »

Sim srs., vá uma modinha, e vão muitas, que sendo bem feitas mais valem ellas para nós que todas as *romances*.

Animem-se com este exemplo outros poetas e musicos a nol-as darem; e por nossa parte só diremos, basta, quando as óperas, emvez de serem, como agora, um accessorio, se houverem tornado, como então, o principal n'um theatro pago para dramas e não para óperas, ou quando, emvez de ensinados, ensaiados e dirigidos por mestres como o Sr. *Frondoni* e o Sr. *Leal*, os actores, feitos musicos por *curiosidade*, deixarem correr as suas ingratas vozes á revelia da arte; como tantas vezes deplorámos: e tão franca e tão baldamente lh'o dissemos, em tresentos artigos, que o nosso anonymo censor parece não ter lido.

INEFAVEIS MYSTERIOS DA NOSSA LINGUAGEM MODERNA.

3677 Se o Sr. *Fuad Effendi*, magnifico embaixador da Sublime Porta, que d'aqui saíu ha 8 dias para *Smirna*, não enjoa no mar, que reflexões não deve estar fazendo a estas horas, sobre os poeticos atrevimentos do fallar moderno dos christãos!

Por mais que debaixo do seu turbante se revolvam os arrojados tropos e imagens de Mahomet e dos seus trezentos commentadores; por cima de todo esse *mare magnum* de originalidades avultam, certamente para o confundirem e humilharem, estas palavras, que Allah o tinha destinado para ouvir em Lisboa pela primeira vez:

« Embaixador do imperador dos crentes, sois convidado pa- « ra um almoço *dançante no Lumiar* no dia 24 do corrente novembro. (!) »

Um convite para dançar, feito por um veneravel ancião a um grave musulmano, representante do imperio e casado com uma só mulher, era já para bradar tres vezes por Allah! mas dançarem e almoçarem ao mesmo tempo — não dizemos bem — almoçarem e dançarem ao mesmo tempo, era para deixar apagar e arrefecer o cachimbo de pasmo: almoçar dançando!... elle!.... filho d'aquellas terras abençoadas do prophet, onde nada se faz senão deitado ou sentado salvo o andar..... elle!. almoçar dançando!.... ¿e almoçar o que? um almoço tambem *dançante*! Logo a cafeteira, o assucareiro e as chavenas tinham evidentemente debaixar com os convivas, sem o que, dançado seria, mas nunca *dançante*, o tal almoço!

Era uma scena como nenhuma das de mil e uma noites.

Nem o capitulo das moscas no livro da lei continha uma imagem tão guapa, mas tão difficil de compreender.

De ponto subira porém o seu pasmo, quando, rendendo-se ao convite e recebido nos sumptuosos paços, viu reunido, para o *almoço dançante*, quasi tudo o que havia de mais grave e veneravel na côrte. Começára a recobrar o animo e de todo o tinha achado; quando, chamados para o almoço, viu que este nem dançava nem era possivel que dançasse, tanto era o pêso da prataria, porcelanas e crystaes, que assoberbavam as mezas, abundantes e opíparas como uma ceia do *Bairam*, floridas e cheirosas como um jardim de hurís sobre a nuvem côr de rosa da primeira manhã da primavera; e os convidados, longe de dançar, se assentavam, sem cerimonia, e discorriam sobre tudo, menos sobre pares e cadeias. Ainda porém lhe voltou um pouco de confusão, quando, puchando pelo relogio, viu que o almoço começava muito depois da hora de jantar de um verdadeiro crente. — Eram quatro da tarde e, pela sua qualidade, tanto se podia chamar almoço, como jantar ou ceia.

Em logar da dança, que a sua gravidade tanto havia receado, tudo para elle se reduziu a um jogo *sentante* de xadrez, em que elle ganhou; um quarto de hora de conversação politica *dormitante*, em que provavelmente lhe ganharam; e um dialogo *passeante* com o internuncio de Sua Santidade, em que nem um nem outro ganhou nem perdeu, segundo ouvimos.

Este almoço, de que por certo levou na sua carteira largos apontamentos escriptos de traz para diante, acabou ás duas horas depois da meia noite; o que para elle foi mais uma prova de quanto são hoje dificeis de aprender estes originalissimos e progressivos idiomas das regiões perras do occidente.

No demais parece que o amavel hospede, tão satisfeito de nós se partiu, que para aprender a fundo a nossa lingua e ensinal-a nos serões d'este inverno á sua esposa e aos *effendinhos*, antes de embarcar-se mandou comprar uma grammatica e diccionarios francezes, e algumas collecções de novellas de Paris.

INCENDIO.

Á ULTIMA HORA.

3678 A preocupação, de que andam tomados os animos desde o desastradissimo incendio da *Magdalena*, fez com que, hoje quarta-feira, 4, pelas onze e meia da noite apenas soou, na torre de S. Nicolau, rebate de incendio, muitos cidadãos saíram precepitadamente a accudir-lhe. A bomba da camara, que appareceu, de improviso e primeiro que nenhuma, foi buscada e trazida só por elles, arrombadas para isso as portas da casa onde estava fechada.

Das puchadas por gallegos, nenhum d'esta vez ganhou o premio: a primeira agua tambem por cidadãos foi trazida em baldes dos poços visinhos; bem como, por cidadãos foi aberto, a machado, o pavimento do andar superior á loja [a de ourives da prata n.º 8, no seu arruamento] deshabitada, em que se ateára o fogo e por elles despejada por ahi a agua que principiou a apagal-o; sem o que, se com um pouco mais de tardança houvesse passado o fogo para um armazem de aguas-ardentes e vinhos, apenas dividido da loja por uma fraca parede, ou subido para o andar superior, Deus sabe que prejuisos não haveria causado.

Quando o inspector e mais soccorros chegaram, posto, se não possa dizer que tardassem, já o zêlo dos particulares tinha cortado o mal pela raiz.

Muitas pessoas tinham vindo a correr com cordas para salvarem os moradores se fosse mister. Os moradores porém haviam tido a cautella de desamparar com tempo as suas casas, levando do seu o mais precioso, com que poderam.

Oxalá que esta nova amostra de desgraça confirme a excellente disposição, em que todos hoje nos achamos, para emfim, e de uma vez para sempre se regularisar em todas suas partes este grandissimo ramo da segurança publica.

ERRATA.

Pag. 223, col. 1.ª, lin. 11.ª — *verificador* lêa-se *vivificador* — lin. 28.ª — *regos de campos* lêa-se *da rega dos campos*. Col. 2.ª, lin. 8.ª — *dos regos dos campos* lêa-se *da rega dos campos*. Pag. 224. 1.ª col., lin. 20 — *juro de 6 por cento* lêa-se *juro de 5 por cento*.